

# Medindo os Resultados dos ODM: A Taxa de Progresso é o que Mais Importa

por Degol Hailu e Raquel Tsukada, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)

**O progresso realizado nos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM)** é frequentemente monitorado em termos de *níveis* de indicadores, com base em quão “alinhados” ou “desalinhados” encontram-se os indicadores em relação às metas para 2015. Em contraste, este One Pager introduz um método de avaliar o *compromisso* dos países, conforme medido pelos seus *esforços* para acelerar o progresso nos ODM. Ele compara a taxa de melhoria dos indicadores antes e depois da adoção dos ODM (ver Hailu e Tsukada, 2011).

Uma vez que os ODM foram elaborados a partir de tendências globais, eles tendem a pôr em situação de desvantagem países com pontos de partida distantes dos limites máximos dos indicadores (Vandermoortele, 2007). Por exemplo, “reduzir para metade a proporção da população pobre” exigiria um alto nível de desempenho de um país que começou com 80 por cento de sua população abaixo da linha da pobreza—muito mais do que de um país com apenas 20 por cento da população inicialmente pobre.

Restrições naturais também dificultam o avanço de outros objetivos, à medida que os indicadores se aproximam do limite máximo possível. O aumento da taxa de escolarização primária de 40 para 50 por cento pode ser mais fácil do que elevá-la de 90 para 100 por cento. Os alunos em questão podem ser difícil de ser alcançados—por motivos geográficos, por exemplo.

Nosso método apresenta duas inovações: (i) reconhece que o progresso não é constante (linear) ao longo do tempo, e (ii) considera a apreciação dos esforços, entendendo que as metas dos ODM são mais difíceis de atingir quando o indicador de partida de um país já se encontra bem próximo do limite superior ou inferior.

Analizamos o desempenho de 40 indicadores, em 98 países, entre 1990 e 2008. Quatro grandes resultados merecem ênfase. Primeiro, um número expressivo de países da África subsaariana melhorou substancialmente suas taxas de progresso nos ODM. Dos 10 principais países com progresso mais acelerado nos ODM, oito são desta região. Burkina Faso registrou progresso em 91,3 por cento dos indicadores, enquanto Angola e a República Centro-Africana aceleraram seu progresso em 90 por cento deles (onde há dados disponíveis). Segundo, o progresso entre os países menos desenvolvidos (PMD) acelerou mais rapidamente do que entre os não-PMD. Oito dos 10 melhores resultados, em termos de maior taxa de progresso nos ODM, são PMD. A maioria está na África Subsaariana, mas a taxa também melhorou consideravelmente no Nepal e em Myanmar.

Terceiro, a maior parte do progresso ocorreu nos Objetivos 1, 2, 4, 6 e 8. No Objetivo 1, mais de 78 por cento dos países em nossa amostra aceleraram a redução da proporção de pessoas vivendo com menos de USD 1,25 (PPP) por dia. No Objetivo 2, as taxas de conclusão do ensino primário foram aceleradas em 70 por cento dos países. Cerca de 93,5 por cento dos países lograram progressos significativos no Objetivo 6, revertendo “a prevalência de HIV entre os jovens”. No Objetivo 8, a Ajuda Oficial ao Desenvolvimento (AOD) voltada a serviços sociais básicos e aos pequenos estados insulares aumentou visivelmente. O alívio da dívida dos Países Pobres Altamente Endividados (PPAE) e a Iniciativa para o Alívio da Dívida Multilateral (IADM) também aumentou. Mas apenas 56 por cento dos países sem costa marítima viram aumento em seus níveis de AOD.



Quarto, menos progresso ocorreu nos Objetivos 3, 5, e 7. No indicador “Proporção de matrículas do sexo feminino no ensino primário, em relação ao sexo masculino” do Objetivo 3, o progresso desacelerou em 47 de 82 países, no período pós-ODM. O Objetivo 5 também carece de intervenção mais eficaz: em 16 dos 21 países para os quais existem dados completos, o progresso na redução da mortalidade materna diminuiu. Isso coincide com o progresso decepcionante na meta de “partos assistidos por pessoal habilitado”. No Objetivo 7, “garantir a sustentabilidade ambiental”, em 51 de 95 países o progresso ficou mais lento na redução de emissões de “CO<sub>2</sub> (em toneladas per capita)” no período pós-ODM.<sup>1</sup>

Este afastamento da comparação de *níveis* de indicadores ao longo do tempo e o uso de uma metodologia baseada na taxa de progresso é um passo dado no sentido de reconhecermos o *compromisso* dos países com a promoção de avanços nos ODM. É essencial levar em conta diferentes pontos de partida (países que começaram em um nível baixo, mas estão se esforçando) e proximidade aos limites superiores (os países que começaram em níveis elevados, mas que estão enfrentando desafios). Essa abordagem evita rotular países como “fracassados”, para afastar a possibilidade de realmente não alcançarem as metas estabelecidas para 2015.

**Referências:**

Hailu, D. e R. Tsukada (2011). ‘Achieving the Millennium Development Goals: A Measure of Progress’, Working Paper 78. Brasília, Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo.

Vandermoortele, J. (2007). ‘MDGs: Misunderstood Targets?’, One Pager 28. Brasília, Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo.

**Nota:**

1. A desaceleração, entretanto, não indica necessariamente que o nível de determinado indicador tenha diminuído; indica que a taxa de crescimento, após o compromisso com os ODM, é menor do que a taxa de crescimento no período anterior.